

GT 01 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA

OS EFEITOS NOCIVOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Carlos Wagner F. da Silva
(URCA)
wawagner1986@hotmail.com

Adílio Junior de Souza
(URCA/UEPB)
adilio.souza@urca.br

RESUMO

O presente artigo discute os malefícios revelados pelo preconceito linguístico a partir de uma breve revisão de literatura. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o estudo se apoia em autores de vertente funcionalista, entre os quais, devem ser mencionados: Bagno (2013; 2006), Souza (2017), Azambuja (2012), Lopes, Araújo e Freitag (2016), entre outros. Objetiva-se, desse modo, refletir criticamente sobre as atitudes negativistas para com a linguagem do outro, que muitas vezes, é tida como “errada” ou “feia” por parte da Gramática Tradicional. Parte-se do pressuposto que toda e qualquer variante da língua serve a sua elementar que é a comunicação. Não há, portanto, língua ou variedade melhor que outra, apenas diferenças linguísticas.

Palavras-chave: Linguística. Preconceito linguístico. Variação linguística. Português.

1 INTRODUÇÃO

A questão do preconceito linguístico hoje em nosso país tem causado revoltas e indignações em linguistas, especialmente, no que diz respeito aos traumas e exclusões feitas por aqueles que se dizem saber empregar (e dominar) a língua portuguesa em um padrão culto, estilizado (SOUZA, 2017).

Muitos acreditam que a língua portuguesa é falada de modo igual, sem variações, por todos os nativos brasileiros. Há uma espécie de mito de uma única língua (BAGNO, 2013). Conforme salienta Bagno (2013), no Brasil se fala aproximadamente 180 línguas, isso sem mencionar as variedades linguísticas ou dialetos de descendentes de imigrantes. Não existe, portanto, uma unidade linguística.

Logo a seguir entraremos numa discussão mais aprofundando do tema, trazendo o pensamento de alguns estudos, nos quais nos apoiaremos para fazer críticas as atitudes preconceituosas de muitos dos falantes de língua portuguesa, que acreditam serem detentores de uma língua “pura”.

2 RESULTADOS E DISCURSÃO

Você já se sentiu controlado no ambiente do qual você faz parte? Digamos, em todos os sentidos, já se perguntou o porquê de se limitar nas palavras das quais não se tem segurança? No ambiente familiar, quando os filhos estão na escola, no convívio com pessoas com maior instrução, começam a tentar normatizar a fala, cobrando dos pais e irmãos uma linguagem mais formal.

Seja de maneira consciente ou não, somos compilados a nos moldar no modo de falar, seja na escola, na rua ou em quaisquer outras situações de interação social. Há constantemente uma preocupação a tudo o que falamos, como falamos e principalmente das escolhas lexicais, semânticas ou sintáticas de nossa fala.

Devido a essa prática de normatização que nos é imposta pela sociedade, surgiu essa concepção de que os falantes e os escritores da língua é que precisam de gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura” (BAGNO, 2013). Há um purismo exacerbado que pune todos aqueles que estão à margem dos usos cultuados na linguagem culta (SOUZA, 2017). Daí decorre, conseqüentemente, uma atitude negativista, um preconceito linguístico contra a linguagem diferente do outro (AZAMBUJA, 2012).

A língua é um produto social constituído de hábitos sociais e culturais na medida em que se relacionam entre si (BAGNO, 2013). Hoje, vivemos processos de mudanças que há tempos vem sendo abordados por pessoas dos mais variados níveis de formalidade, precisamos ser cultos para entendermos sobre todas as normas que fazem parte da gramática.

Pessoas se enganam em acreditar em que alguns gramáticos, ou melhor, um *doutor das letras* vem falando ou escrevendo por aí a respeito do modo de falar das pessoas desprivilegiadas de letramento. Os cidadãos que moram em zonas periféricas que cantam hip-hop e que se vestem com roupas características daqueles que se enquadram com aquele grupo esses grupos ao adentrarem em algum coletivo ou mesmo em praças públicas e comecem a se comunicar com gírias, jargões e etc.

Muitas pessoas que não estão com aquele falar característico, logo chamarão aqueles jovens de vagabundos, discriminando-os pela sua língua em especial e muitas vezes isolam aquele grupo, vejamos, por exemplo, o sofrimento vivenciado pela personagem Eulália, em Bagno (2006). É mais um caso do quão danoso é o preconceito linguístico. A partir daí se intensifica o preconceito linguístico e como sempre, com esses vem a exclusão social, nossa

língua se tornou política como meio de ganhar através das necessidades que assolam a muitos (SOUZA, 2015).

Sobre esse assunto, vale trazer o pensamento de Bagno (2013, p. 32):

O reconhecimento da existência de muitas variedades lingüísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüente com o fato comprovado de que a norma lingüística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira ‘língua estrangeira’ para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma lingüística empregada no cotidiano é uma variedade estigmatizada de português brasileiro (quando não outra língua, diferente, como ocorre em diversos lugares do Brasil, sobretudo nas zonas de fronteira, nas comunidades indígenas e nas áreas de forte imigração, onde o português não é a língua materna de parte da população).

Mudanças estão sendo pensadas e revisadas para que a população tenha acesso não só a norma culta, mas também tenha acesso às gramáticas das quais aqueles indivíduos façam parte. Muitos sofrem preconceito linguístico diariamente em seus locais de trabalho, onde seus líderes o proíbem de falar nas partes internas, onde há maior fluxo de clientes, nas conversas paralelas na rua, nos shoppings, nas universidades e entre outras.

Quando adentrei no curso de letras, ouvi muitos falarem de formas desanimadoras, de que se aprender determinados assuntos seriam muito difícil e hoje vi que eles estavam enganados, pois nada se é tão difícil quando se tem determinação e é por isso que muitos linguistas lutam para que a língua deixe de ser elitizada e que as línguas regionais seja valorizadas e estudadas. Servindo também para todos aqueles que foram excluídos dos acessos diretos a informação (MENESES, 2016).

Essas mudanças que assombram grande parte daqueles que se dizem ser *iluminados*, ou melhor, são os ditos detentores do saber no que tange a língua escrita. Nossa sociedade é composta de pessoas das mais variadas classes, dentre essas pessoas, muitos usam uma linguagem coloquial, que difere da língua padrão.

As pessoas têm uma falta crença de somente em Portugal se fala melhor a língua portuguesa e que no estado do maranhão ser o estado que mais se aproxima da língua de Portugal (BAGNO, 2013). Como diz Bagno (2013), isso não passa de mitos! Uma falácia!

A Gramática Normativa se utiliza dos grandes clássicos para fazerem projeções descabidas quando o assunto é a fala, todos sabemos que só não existe comunicação quando não se emprega o mesmo código linguístico.

No Brasil, falamos o português brasileiro, muitos especialistas deram uma sigla PB. Essas e outras colocações são feitas para mistificar ideias de que nós, que ainda não fazemos parte da dita classe dos iluminados (se é que temos interesse de fazer parte), nos sentimos

menosprezados, fazendo com que tenhamos impressões negativas de que não temos capacidade de aprender sobre a nossa língua.

É como se o Brasil tivesse um idioma único, deixando de fora até o segundo idioma oficialmente aceito que é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Muitos creem que as variações linguísticas fossem a criação de grupos diversos, esquecendo que a língua todos os dias se destrói, se modifica e se atualiza, criando uma forma nova de se comunicar ou até criam uma fantasia a respeito de que não temos capacidades de se aprender o português padrão (NUNES, 2014).

Infelizmente, porém, esse combate tão necessário não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é errado, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e parte dos livros didáticos disponíveis no mercado (BAGNO, 2013, p. 21-22).

A mídia brasileira em geral é a grande inimiga de nossa linguagem informal, uma vez que ela mesma procura condenar todos os tipos de variações linguísticas, esquecendo-se da base de nossas línguas, se assim podemos falar.

O latim vulgar era a língua falada das pessoas que não estavam inseridas na nobreza da sociedade patriciana, em que nas dominações e invasões faziam com que os dominados, obrigatoriamente, aprendessem o idioma do conquistador. Com isso, não estamos tão distantes dessa situação no que diz respeito a dominação, então, o aparelho midiático tenta regulamentar, impondo uma norma de uso tida como bem falar e escrever, o que separa as pessoas por um abismo da língua, nos telejornais do horário nobre, os jornalistas, muitas vezes, não podem se utilizar de suas variantes linguísticas (SILVA, 2014).

Esses mesmos jornais editam reportagens em que o entrevistado está em desacordo com a norma culta, salvo se forem entrevistas ao vivo. As novelas e mini-série relatam personagens nordestinos, caipiras, matutos para servirem de palhaços nessas novelas e a exercerem cargos e funções desprestigiadas que acarretam ainda mais com os preconceitos de toda natureza. Houve na TV aberta vários personagens e que a língua se tornava suburbana, usando linguagens que não são usadas por nós e que pouco retratam a verdadeira língua falada. Ganham muito dinheiro com os dialetos e falares nordestinos dando ênfase ao cômico.

Alunos oriundos do ensino regular quando adentram nas universidades brasileiras sofrem choques emocionais quando percebem que falam em desacordo com o que as universidades esperam. Esses choques culturais são dados com cargas eletrizantes de um ensino mecanizado que mais prepara o aluno para o mercado de trabalho técnico. Muitos

desses alunos não têm coragem de se expressarem nas aulas expositivas ou até mesmo nos seminários propostos pelos professores, na maioria das vezes esses alunos se escondem no silêncio oriundo de classes sócias esquecidas pela sociedade elitizada (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016).

Muitos desses alunos vêm das periferias ou do campo e têm o senso comum trazido de suas comunidades, que acabam por ser estigmatizados em sala de aula. Quando você diz que uma pessoa fala errada e que você fala certo, você está criando um muro onde se divide a sociedade em camadas iletradas versus gramáticos, por ignorância intelectual ou política, você conserva algo inexistente, padronizado por um pequeno grupo seletivo (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016)

Falamos em democracia onde os direitos de todos são peneirados e separados entre classes sociais e onde aqueles que falam o que a norma padrão condena, estamos em marcha para uma luta que não terá tréguas em que o direito da fala será dado como forma de respeito a todas as classes. Como podemos cobrar na escola que as pessoas tem que aprender a gramática normativa sendo que muitas dessas pessoas as vezes vão para a escola se ao menos terem tomado café, em que seus pais tem que acordar cedo para irem deixar seus filhos em escolas muito distantes de suas casas, nossos direitos são tomados até nos goles de café que tomamos. Como podem cobrar de nos uma língua padrão culta se as maiorias dos livros que tem são de valores faraônicos e para se publicar livros no Brasil se é de uma burocracia extremamente desigual, fica complicado cobrar que uma população entre “nos trilhos com vagões enferrujados” (LOPES; ARAÚJO; FREITAG, 2016).

Vários projetos políticos desde muito são feitos para destruir a educação, um caso intrigante e pouco comentado até pelo tempo que faz e por muitos darem descrédito, no século passado precisamente no início década de sessenta políticos tiraram das disciplinas escolares os estudos clássicos, fazendo com que os nossos estudantes não tivessem acesso direto às obras de Cícero, Virgílio e entre outros.

Uma perda irreparável para a educação brasileira limitando os estudos clássicos somente as universidades e aos seminários católicos, triste e vergonhoso, mas desde muito sofremos preconceito, por que tudo isso foi programado desde muito tempo. Fazendo com que sejamos reféns nas frentes de linha no que tange as formas normativas de falar:

A linguagem da internet é uma realidade indiscutível e presente no vocabulário (podemos até dizer na gramática internalizada) de cada aluno, é um dos desafios com que o professor tem de aprender a lidar no século XXI. Aos lingüistas, e também aos professores, cabe a procura de maior entendimento dessa linguagem, a preocupação de assumir sua responsabilidade social para garantir os direitos

linguísticos da população, a salvaguarda das variantes linguísticas muitas vezes discriminadas (SANTOS; MELO, 2012, p. 08).

O que poderíamos falar da internet? Com suas abreviações que aos olhos desinformados passam despercebidas? Exemplos como esses, muitas vezes, nos atônitos com certas expressões, que fazem parte da língua, das quais os jovens vêm fazendo uso com frequência, tanto na escrita quanto na fala.

Não nos damos conta do leque de expressões e variações linguísticas que se fazem nas variadas regiões brasileiras. Contudo, há quem deseje coibir tais usos, colocando os indivíduos contra a parede, impondo-lhes uma única forma de falar, isto é, uma língua normatizada, seletiva e discriminadora.

Graças ao advento da Linguística, especialmente da base funcionalista ou variacionista, que presa pelo ato comunicativo acima de tudo, esta ponte com o passar do tempo está sendo, aceitando a linguagem tida como coloquial, bem como os diferentes usos. Para que possamos chegar ao nível que a sociedade se espera de todos nós, pobres, roceiros, analfabetos, moradores da periferia etc., creio que temos uma enorme barreira, onde temos que reinventar o Brasil começando por aceitar qualquer variação ou mudança no comportamento da fala como foi falado a pouco (BAGNO, 2013). A Linguística é o caminho!.

Como poderíamos fazer para reverter essa deficiência que parte daqueles que cobram da sociedade um falar padrão. O preconceito linguístico é invisível como diz Bagno (2006; 2013; SOUZA, 2017), muitos movimentos lutam por diversas formas de inclusão, mas a respeito da língua falada em diversas regiões do Brasil ainda há uma grande barreira que precisa ser quebrada, sabemos que muitas das pessoas que não tem acesso a escrita, se limitam em transmitir suas ideias e, muitas vezes, criam mundos paralelos com aqueles que tentam um contato de aproximação mais integral no que diz respeito as formas de se ensinar uma nova forma de se aprender (BAGNO, 2013).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionamentos foram feitos no que diz respeito aos efeitos nocivos da língua, levando em consideração as observâncias colocadas por pesquisadores sobre o tema. Este trabalho é apenas um ensaio que, pretendemos levar mais adiante, culminando em um trabalho de conclusão de curso. É, ainda, um estudo preliminar, que será acrescido de outras bases teóricas e consequente ampliação.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. O preconceito linguístico: algumas considerações. **Revista de letras da universidade católica de Brasília**, vol. 5, n. 1, ano v, jul/2012.

BAGNO, Marcos. **O preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2013.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Orgs.). **A fala nordestina**: entre a sociolinguística e a dialetologia. São Paulo: Blucher, 2016.

MENEZES, Geovana Lino de. Preconceito regional e linguístico contra o Nordeste: um estudo a partir da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. In: SEMANA UNIVERSITÁRIA: ÉTICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA. **Anais da semana universitária: ética na formação acadêmica**. 2016.

NUNES, Rozele Borges. Realidade escolar dos alunos do meio rural do município de Dom Feliciano/RS. **Anais do XAPEP SUL**. Florianópolis, outubro de 2014.

SANTOS, Maria Helena Pires; MELO, Thiago Benites de. Da intolerância à ignorância: Fenômenos linguisticamente complexos e Ensino de Português. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas, n. 02, ano I, p. 1-17, 2012.

SILVA, Altamar Gonçalves da. **Preconceito linguístico**: um panorama histórico do Latim ao Português Brasileiro. Brasília: UNB.

SOUZA, Adilio Junior de. O preconceito linguístico em debate: quais gramáticas descritivas usar? In: SIMPÓSIO DE GLOTOPOLÍTICA E INTEGRAÇÃO REGIONAL, 2016, João Pessoa. **Anais do I Simpósio de Glotopolítica e Integração Regional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017, p. 369-386.